



ORIENTE MÉDIO

Câmara vota contra a guerra de Trump

Deputados americanos aprovam resolução que limita poderes do presidente e orienta retirada de tropas do Irã. Quatro republicanos votaram a favor do texto. No Kuwait, drones iranianos atingem aeroporto, matando um civil e ferindo 63

» RODRIGO CRAVEIRO

Mandel Ngan/AFP



Trump fala a jornalistas no Salão Oval da Casa Branca: mensagem política de forte simbolismo contra a campanha bélica no Oriente Médio

Por 215 votos a favor e 208 contra, a Câmara dos Representantes impôs uma derrota política à Casa Branca e aprovou uma resolução que limita os poderes de Donald Trump de ordenar mais ataques ao Irã. Especialistas consideram sintomático o fato de quatro deputados republicanos — Thomas Massie, Brian Fitzpatrick, Tom Barrett e Warren Davidson — terem cruzado as linhas do partido e avalizado o texto durante a votação. A medida intensifica a pressão sobre o governo Trump a 153 dias das eleições de meio de mandato que podem reconfigurar a Câmara e o Senado, ambos sob controle republicano.

A resolução orienta o presidente a retirar as forças americanas do Irã ou a obter a aprovação do Congresso para prosseguir com a guerra. Em uma indicação de que a base governista previa a derrota, os republicanos chegaram a adiar a votação, de maneira abrupta, duas semanas atrás. O texto, agora, segue para o Senado, mas não será levado à sanção presidencial.

"Estou muito feliz por termos tido a oportunidade de alguns membros do lado republicano se manifestarem. Estou realmente feliz e orgulhoso dos meus colegas democratas, porque todos os democratas, sem exceção, votaram a favor disso", declarou o deputado democrata Gregory Meeks, autor da proposta de resolução e membro do Comitê de Assuntos Externos da Câmara. A votação ocorreu horas depois de EUA e Irã voltarem a trocar disparos. Drones iranianos atingiram o Aeroporto Internacional da Cidade do Kuwait, deixando um civil indiano morto e ferindo outras 63 pessoas.

Professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Cristina Soreanu Pecequillo classifica a decisão da Câmara como "importante". "Para se aprovar uma resolução dessas, é preciso uma adesão de parte dos republicanos, que votaram contra Trump. Existe uma movimentação de insatisfação, por parte da bancada governista, ante a proximidade das eleições legislativas de meio de mandato", explicou ao **Correio**. "É um alerta para Trump de que ele precisa reavaliar a guerra, embora ele tenha dito que não se importa com a eleição ou a condução do conflito. A resolução coloca em xeque

a maneira com que ele pode governar, hoje, sem contrangimento. Aliás, é um dos primeiros contrangimentos que ele sofre. Apesar da possibilidade de a resolução em nada resultar no Senado, é uma sinalização da insatisfação crescente."

Roberto Goulart Menezes, professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), disse à reportagem que a resolução mostra que o presidente não tem apoio total do Partido Republicano para levar uma guerra onerosa aos cofres públicos dos EUA, aos aliados no Oriente Médio e ao custo de vida no país. "Quase metade dos americanos declaram que passaram a usar menos os seus carros por conta do preço do combustível", comentou. "Com a eleição se aproximando, fica claro que o Partido Republicano contém quadros não trumpista."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Sob o ponto de vista prático, a medida abre uma discussão no Congresso dos Estados Unidos em limitar não apenas os poderes de Trump na guerra, mas, sobretudo, em sinalizar a politização. Ela aponta que a guerra pode levar a uma derrota do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato. O Congresso tem resistido a aprovar a liberação de orçamentos adicionais para a guerra."

ROBERTO GOULART MENEZES, professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB)

Caos no terminal

O incidente envolvendo a bargagem de drones no Aeroporto Internacional da Cidade do Kuwait ocorreu em meio às negociações de

cessar-fogo entre o regime teocrático islâmico e os Estados Unidos. Imagens divulgadas pelas redes sociais e pelo Telegram mostraram o caos instalado no terminal de passageiros número 1 do aeroporto, com fumaça

focos de incêndio. A Guarda Revolucionária Islâmica informou que respondeu a um bombardeio contra um petroleiro iriano e atacou um navio ligado a Israel e aos EUA, uma base aérea no Kuwait e a sede da Quinta Frota americana, no Bahrein. Mas negou que tivesse enviado drones para a região do aeroporto kuwaitiano e responsabilizou o mau funcionamento de um sistema de defesa antimísseis americano Patriot.

O Comando Central dos Estados Unidos rejeitou a acusação. "O Irã golpeou o aeroporto civil com drones em ataque deliberado, calculado e não justificado", afirmou em nota. O Kuwait informou que 17 drones iranianos e 13 mísseis balísticos foram disparados contra seu território. Os EUA também acusaram as forças de Teerã de lançarem mísseis contra o Bahrein. O exército americano

respondeu com "ataques de defesa" na ilha iraniana de Qeshm, situada no Estreito de Ormuz.

Ante o risco de uma contraofensiva americana ao ataque contra o Kuwait, aliado-chave de Washington, o negociador-chefe do Irã, Mohammad Bagher Ghalibaf, subiu o tom e advertiu que "qualquer agressão receberá uma resposta decisiva", segundo a agência de notícias Isna. No front libanês, as Forças de Defesa de Israel (IDF) prosseguem com as operações militares contra o movimento fundamentalista xiita Hezbollah. Os ataques se aproximaram de Beirute e deixaram pelo menos nove mortos no sul do Líbano, próximo à fronteira israelense.

Apesar da cautela iraniana em avaliar o diálogo com os EUA, Trump assegurou que as negociações estão indo "muito bem". O titular da Casa Branca avaliou que um acordo pode ser firmado "neste fim de semana", mas não descartou a possibilidade de fracasso. "Ouvi dizer que a negociação está indo muito bem", declarou a jornalista no Salão Oval. "Nessa parte do mundo, um cessar-fogo significa que se atrai de forma um pouco mais moderada", ironizou.

Mais cedo, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, garantiu que não houve "nenhum progresso tangível". "Foram trocadas mensagens sobre a necessidade de pôr fim à agressão contra Beirute, mas não se alcançou nenhum progresso tangível no processo de negociação", declarou. O chefe da diplomacia de Teerã ressaltou que "o retorno à mesa de negociações está condicionado à garantia dos direitos do povo iraniano, ao fim da guerra no Líbano e à redução das tensões na região".

Advertência

Araghchi advertiu que uma ofensiva a Beirute desencadearia uma "retomada em grande escala da guerra". "Qualquer ataque contra Beirute terá graves consequências. Nossas forças armadas estão preparadas para atacar Israel se Israel atacar Beirute", disse. Pecequillo avalia que os ataques ao Kuwait se inserem no padrão de ofensivas do Irã a outros aliados dos EUA no Oriente Médio. "É uma forma de colocar em xeque a segurança regional, essencial para que os países avancem em seu comércio de petróleo e para a estabilidade regional."

RÚSSIA

Ucrânia ataca fórum econômico

Uma salva de drones enviada pela Ucrânia atravessou ontem a abertura solene do Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo, na Rússia, evento anual de três dias que deve receber quase 20 mil convidados de 130 países. Autoridades russas e de outros países, inclusive o presidente e anfitrião Vladimir Putin, são esperados, entre hoje e amanhã, na segunda maior cidade do país. O fórum é considerado o principal encontro promovido por Moscou para atrair investidores e empresas ocidentais.

Colunas de fumaça foram vistas do local do encontro, na segunda maior cidade russa. Autoridades locais afirmaram ter abatido 59 drones em três distritos onde os ataques foram identificados, sem deixar feridos. O porta-voz do

Kremlin, Dmitry Peskov, prometeu que a Rússia terá os cuidados necessários com as delegações visitantes, mas "dará respostas de ordem sistêmica ao bombardeio ucraniano, sem detalhar como poderia ser o contra-ataque. O bombardeio ucraniano se segue a uma salva de drones e mísseis russos que atingiram a capital ucraniana, Kiev, e outras cidades, com saldo de 23 mortos.

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, considerou que os bombardeios ucranianos foram "ataques justos". "Ainda ontem ocorreu um ataque russo em grande escala. Respondemos de acordo", declarou, durante entrevista coletiva com o secretário-geral da aliança militar ocidental, a Otan, Mark Rutte, que visitava Kiev. Rutte afirmou que "enquanto a

Ucrânia continua resistindo, inovando e alcançando vitórias no campo de batalha, a Rússia está cada vez mais desesperada."

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, considerou que os bombardeios ucranianos foram "ataques justos". "Ainda ontem ocorreu um ataque russo em grande escala. Respondemos de acordo", declarou, durante entrevista coletiva com o secretário-geral da aliança militar ocidental, a Otan, Mark Rutte, que visitava Kiev. Rutte afirmou que "enquanto a

O governador de São Petersburgo, Alexander Beglov, disse que "várias" infraestruturas foram danificadas pelo impacto dos drones, que não provocaram vítimas fatais.

Zelensky afirmou que os drones atingiram o terminal de petróleo de São Petersburgo e a base militar de Kronstadt. Os ataques, que o governo de Kiev classifica como "sanções de longo alcance", forçaram o fechamento do principal aeroporto de São Petersburgo por várias horas. Vários voos procedentes de Moscou sofreram atraso.

"Davos" russo

Desde que a Rússia iniciou a ofensiva em larga escala contra a Ucrânia, em fevereiro de 2022, o Fórum de São Petersburgo, antes conhecido como "Davos" russo, virou um reflexo da rejeição de Moscou pelas potências ocidentais. Edições anteriores à guerra receberam representantes da Alemanha, França e Japão. Neste ano, a Rússia



Fumaça no horizonte à vista em São Petersburgo: ataque ucraniano

receberá apenas líderes aliados, como os presidentes do Uzbequistão e da Tanzânia, além de ministros de países como Cuba, Belarus, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita. Neste ano, após quase uma década, o fórum

conterá com uma delegação dos EUA — embora de escalão inferior. Ela será chefiada pelo chefe da Comissão de Belas Artes, Rodney Mims, supervisor do projeto de Donald Trump para um novo salão de baile na Casa Branca.